



A

N.º 122 — LISBOA, 14 DE MAIO

3 ANO 192

PARODIA

PREÇO DA ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADIANTADO) Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 500 réis Cobrança pelo correio cívico 13000 Estrangeiro, accresce o porte do correio. 100 Preço avulso 20 réis Um mez depois de publicado 40 réis	Publica-se ás quartas-feiras PROPRISTARIOS: RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO E M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º	ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º Composição: Minerva Peninsular 112, Rua do Norte, 112 Impressão: Lythographia Artistica, Rua do Almada, 52 e 54 EDITOR — CARBIDO CHAVES.
--	--	---

AS DUAS DIVIDAS



Divida interna

Divida externa

METADES DE HOMEM

O CARDEAL de Richelieu e o Sr. Lourenço Cayolla são de opinião, de que já não ha creanças.

Nós vamos mais longe do que estes dois grandes pensadores e podemos afirmar como a maior das verdades filosoficas: Já não ha homens.

Ou pelo menos essa espécie de «animal que sabe rir», como lhe chamava certo sabio, se persiste como unidade humana não persiste como unidade social.

Já não ha homens: haverá, quando muito, meios homens.

A escassez de elementos intellectuaes uteis e o *strugleforlismo* crescente, dissociam personalidades e desintegram energias.

A creatura humana socialmente util, aproveitada pelo meio até a ultima parcella de actividade, fragmenta-se para poder acudir a tudo ao mesmo tempo.

Os grandes homens não só crescem e se multiplicam, — mas dividem-se — o que sem ser absolutamente orthodoxo como indicação evangelica, é sem duvida necessario como expediente social.

Estamos no regimen das metades de homem.

Os génios e os talentos fragmentam-se em semi-génios e semi-talentos, funcionando automaticamente e independentemente.

Ha-os illustres em todos os ramos da actividade mental. Mas a grande *Mère Gigogne* do maior numero é a politica.

Um exemplo flagrante d'essa fragmentação de personalidades está sendo o Senhor Arroyo.

Politicamente, o Senhor Arroyo partiu-se ao meio em dois semi-Arroyos: um semi Arroyo vota o Convénio na Camara dos Deputados, e logo o outro semi-Arroyo corre a votal-o na Camara dos Pares.

A duplicação officialisou-se, por assim dizer, sob a formula de consagração d'um *truc* politico.

O regimen do meio homem passou a ser tão substancial como o regimen do meio bife.

Uma das metades dos nossos homens politicos vive inteiramente independente da outra metade de suas excellencias.

Emquanto a metade de cima do Sr. Fuschini tem rajadas tribunicias de forma congestiva, a metade de baixo do mesmo senhor, agarrada ás



flôres de liz, desfeiteia constitucionalmente o barrete phrygio.

Outra metade que, sem ser uma cara metade, sem sido entretanto uma metade cara para o paiz, é justamente a metade de baixo do Sr. Ressano Garcia, que realisa humanamente a forma symbolica do satyro e vae a Paris amar por conta do Estado.

Amanhã, os noticiarios elegantes, com o novo systema social das metades, ver-se-hão obrigados a publicar noticias como estas:

«A conceituada metade de cima do sr. F., partiu hontem para tal parte?»

Ou:

«Foi pedida em casamento pelo Sr. F., a metade de baixo da Sr.^a. D. Fulana de Tal...»

Mas o que veio, realmente, tornar incommoda e difficil a questão das metades, foi o jantar de Domingo oferecido ao Senhor Arroyo pela maioria parlamentar.

Perguntava-se:

A qual dos Arroyos se ha de offerecer o jantar? Ao semi-Arroyo deputado, *leader*, ou ao semi-Arroyo par?

Estava indicado que fosse ao semi-Arroyo deputado. Mas logo veio a idéa de que o semi-Arroyo par se melindraria. D'ahi, a confusão nos espiritos. Qual dos dois deveria saborear o *foie-gras* e as *trufas* do Ferrari, e molhar o discurso no Champagne nacional?

Até que o espirito de conciliação venceu tudo.

O jantar foi dado a ambos os semi-Arroyos, a ambas as metades. Apenas com uma ligeira differença: a metade de cima encarregou-se de comer; a metade de baixo encarregou-se... do resto.

THYRSO.

DANDYSMO por CELSO



E' preciso ser-se economico: o collarinho alto que eu usava no inverno,



serve perfeitissimamente bem agora para o verão, virando-o ao contrario...

ALBUM DAS GLORIAS

No ultimo dia de abril sabiu o n.º 39 (3.º da 2.ª serie) do *Album das Glorias*, compreendendo o *portrait charge* do grande poeta Bulhão Pato, acompanhado por um brilhantissimo artigo de um poeta não menos illustre Junio Dantas.

O *Album*, impresso agora em papel muito superior ao dos dois primeiros numeros, apresenta um magnifico aspecto, não tendo por isso augmentado o preço da assignatura ou venda.

MENÉRES & C.^a

Porto

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

Vivinha a saltar!

THEATRIDADES

Isto de theatros está sendo uma verdadeira sciencia.

Agora já se não escolhem as peças conforme o gosto do publico, mas sim de conformidade com e á altura da gravidade das circumstancias.

E ainda a dentro d'esta restricção a coisa é difficilissima, porquanto ainda assim as opiniões são as mais diversas.

E é verdade. Se não, vejamos.

Quando foi do convenio, ha trez semanas, todas as empresas pensaram em pôr peças que estivessem em harmonia com o estado do espirito publico.

Em D. Maria, que é theatro do governo, pensou se em corresponder á gravidade do convenio e á supposta gravidade das preoccupações nacionaes, pondo em scena o *Frei Luiz de Sousa*, modificado no sentido de calar na alma d'aquelles que tem que pagar uma conta tambem calada ao *comité Garié* e outros cavalheiros em é.

Men dito, meu feito. Foi a peça ao sr. conselheiro Carrilho, que lhe introduziu algumas modificações nas parcelas do sentimento, a ponto de ficar o que se chama uma obra toda triques á beirinha.

Contava toda a gente em D. Maria com o exito seguro de certas passagens e ter d'esta vez peça das de lavar e durar.

Mas as modificações falharam todas.

Quando o fradé perguntava ao avejão:

— Quem és tu,romeiro?

e o outro, sacudindo o pau, respondia:

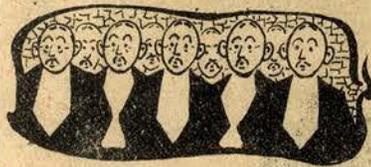


— Sou o convenio! ninguém chorou.

Quando o nosso amigo Carlos Posser puxando pelas entranhas e adjacentes miudezas, gritava á actriz Virginia:

— D. Magdalena, não chore, que tambem vae!

o publico era de pau e bem bonito.



Quando os dois aduleros resolviam expiar a sua culpa (no drama original era n'um convento) e D. Magdalena suspirava:

— Iremos fazer penitencia para a Junta do Credito Publico...

este ultimo era de pau e bem bonito.

Vão lá entender a multidão.



Em D. Amelia o Visconde S. Luiz de Braga pensou do outro lado:

— Nada, isto é uma terra de cantigas e cantigas é que servem. Mesmo porque tristezas não pagam dividas; e se Portugal, como creio, quer pagar aos seus credores d'alem fronteiras, certamente não é de coisas tristes que precisa. — Oh seu Antonio Manuel, telegraffe já p'ra Madrid e mande vir meia duzia de caixotes com zarzuellos e zarzuellas. Estas ultimas ao seu paladar, hein?

Veu a zarzuella e tudo era o publico... chega-m'a ao pico.

Para tomar o pulso á nobre nação portugueza não ha ninguem como o nosso Braga, lá isso!

Com o Santos do Colyseu deu-se o mesmo. Lyrica para a frente e deixa andar.

Por forma que, se a gente se encontra com um conhecimento grave e lhe pergunta com ar de caso:

— Que lhe parece a você o convenio?

O outro faz logo biquinhos e sai-se com esta:



Onde vás de manon de Manilla!

Se um patriota, como nós, adrega de encontrar um amigo, pae de sete filhos, apouquetado com difficuldades, cheio de dividas e lhe cae nos braços berrando:

— Que calamidade de convenio, homem, que coisa!

Esse outro ataca logo a deixa com esta belleza:



O mio Fernando!...

Enche-se a gente de raiva a ponto de até lhe parecer ouvir o credor dizer baixinho:

— Canta que logo bebes!

Efeitos dos espectaculos musicaes. Pensamos em tudo menos nas coisas graves. Somos todos da musica.

Hoje ninguem se impressiona ouvindo Carlos Posser a gritar:

— D. José de Portugal, serás vingado!



Mas amanhã, quando o credor externo exigir:

— Portugal, paga e não bufes! talvez a gente queira dar pateada e já não tenha... botas.



Encerrou-se, nesta epoca, a serie de espectaculos trimestral de S. Bento, com um dividendo muito razoavel para os sociarios, de que participaram menos mal, vamos com Deus, alguns artistas, se levarmos em conta os cachações tozados entre os Srs. Abel de Andrade e Meilo e Sousa.



Na segunda-feira houve despedida, muito affectuosa por parte da empresa e artistas, no foyer do Reino, ficando assente entre outras coisas commemorar-se na proxima sessão o centenario do fundador do parlamentarismo em Portugal, D. Luiz da Camara Leme, levando-se entre outras peças, o *Auto das Incompatibilidades*, do mesmo D. Luiz, se antes d'isso parte dos artistas não estiver na cadeia em virtude de auto de corpo de delicto feito na pessoa do paiz, que está muito acanaviado.



A companhia de José Luciano volta a explorar o genero tragedia, devendo lá para outubro fazer reprise da *Violação da Carta* e da farça *Para deante e n'um pé só!* parodia á comedia *Para traz e de joelhos!* Intervallos com cançonetas pelo Sr. Ressano Garcia, cantadas em francez gentilmente emprestado pela atriz Angela Pinto.

A troupe João Franco talvez se ligue ao Grupo Zorlho José Dias, seguindo para a provincia onde darão a *Casa de Orates*, vulgarmente conhecida por *Casa de bonéca*.



NO PAIZ DOS ABORTOS



A Nação no seu estado interessante aguarda um novo aborto.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

PHANTASIAS ECONOMICAS

Feitas as contas, sem pessimismos de Fuschini nem optimismos de Carriho, uma vez adoptado e levado á pratica o convenio com os créditores, as condições da nossa vida economica vão soffrer alterações profundas. Para melhor, bem entendido!

Baseado o pagamento dos juros da Divida Externa nas receitas das Alfandegas, e admittida já no convenio a hypothese de que essas receitas possam não chegar, claro é, como agua, que os governos não de tratar de augmentar essas mesmas receitas.

Ora, como as receitas das Alfandegas são constituídas pelos direitos cobrados sobre as mercadorias importadas, a unica maneira que ha de augmenta-las é augmentando os direitos.

Augmentando os direitos sobre a importação, o que acontece?

Diminue a importação.

E neste caso, diminuindo a importação, o que acontece á industria nacional?

... Fomenta-se!

Pois está claro.

Mal se comprehende, pois, que as Associações industriaes tenham andado tão empenhadas em combater o convenio.

Será boa politica, mas é mau negocio.

Protegida a produção nacional pelos direitos alfandegarios, que na furia de os ver crescer o Governo vai tornar prohibitivos, teremos tudo então incomparavelmente mais barato.

Do barateamento dos productos resultará a competencia no commercio. E' o grande axioma economico. Vem nos livros.

Da competencia no commercio resulta o maior beneficio do comprador. E quanto maior e mais acirrada se torna essa competencia, maior e mais effectivo se torna esse beneficio.

A v da portuguesa será então uma boa coisa invejavel. O imposto só recairá implacavelmente sobre o luxo. Tudo quanto seja artigo ou genero de primeira necessidade vai ficar, no dizer do commercio, «pela hora da morte.» Ora o que nós queremos, precisamente o que nós queremos, é que o commercio diga que tudo está pela hora da morte. Assim, adquirimos nós a certeza de que ainda nos restam algumas horas de vida.

Em primeiro lugar, a alimentação vai estender-se a todas as classes, o que até agora não era um facto incontróverso. Os amanuenses, os professores de instrucção primaria, os empregados dos correios e telegraphos, vão poder comer, pelo menos, uma vez ao dia, o que já é uma risonha esperanza.

A questão do pão vai resolver-se com manteiga; e quanto á questão do vinho, tanta será d'elle a abundancia, que uma companhia semelhante á Companhia das Aguas o canalizará das adegas para casa dos consumidores, aos metros cubicos e por avença, com contadores (do Tribunal de Contas) e torneiras de segurança — publica!

Romancistas historicos, que até agora passavam fome a fasciculos, vão ter que comer por dá cá aquella palha — que é para elles.

A manteiga ingleza será em barrilada em Paredes de Coura; o queijo flamengo vai chegar-nos das Ilhas; e o popular bacalhau, que era todó da costa da Noruega, passa agora a ser todo — da Costa Pinto.

Voltada a attenção da industria para certas materias primas que em Portugal andavam tão imperdoavelmente esquecidas ou tão levemente desprezadas, d'ellas se vai extrair uma infinidade nova de productos.

Da canna da India, por exemplo, que desde o tempo de Vasco da Gama apenas servia para tósas, em bengalas, vai agora extrair-se assucar, em lascas. E do nosso bom marmeleiro, que até hoje só se applicava em tarteiras, vamos agora tirar arrobas de marmelada.



Isto muito por alto, pois que para muito mais nos sobram as materias-primas, ainda mesmo sem contar com aquellas que nos vão ficar — para tias!

Depois da alimentação, o vestuario. Pela mesma razão economica, tudo mais barato. Só andará em coiro quem quizer andar. Não se entende, claro está, com as coristas da Trindade, pois que essas, coitadas, por muito bem que se vistam, andam sempre — em coiros.

Como o vestuario deve sempre andar em harmonia com a condição social de quem o veste, os preços dos artigos vão variar infinitamente, conforme o papel, profissão, ou meio de vida, de quem compra.

D'esta sorte, por exemplo, um pobre cobrador da Sociedade de Geographia, que para cobrar a cota de cada socio tem de tres vezes dar a volta ao mundo em busca d'elle, e que para ganhar cinco tostões tem de cobrar a quota de 500 socios — apanhará umas calças por 500 réis.

Um guarda-nocturno, que faz um pinto por noite, e que na força do inverno anda toda s santissima noite a abrir e a fechar portas debaixo de chuva — terá apanhado, por um pinto, uma casaca — d'agua.

Finalmente, um desgraçado sem trabalho, que chegou ás ultimas e já não tem que vestir, entra numa loja de alfaiate, prega um estroiró no caixairo, e tem logo um colete — de forças!

Ora a vida, nestas condições, ainda póde ser uma excellente coisa.

ATÉ QUE EMFIM!



João Lucio e Augusto de Castro, quasi ao despedirem-se para sempre da capa e da batina, quizeram deixar um pouco da sua saudade em rimas alegres, tinindo como guizos, e em pedaços de charge declamada onde as figuras typicas passam como caricaturas de mocidade.

Sairam-se bem, como rapazes de talento que são, e vieram trazer-nos a pacata Lisboa um pouco da esturdia e da chulaca de Coimbra.

Agora, é dizer o *Até que enfim* definitivo na sala dos Capellos, — e enrolar a capa para a grande viagem da Vida!



Companhia Real
DOS
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES
Companhia dos Caminhos de Ferro
de Madrid-Caceres-Portugal
e Oeste de Hespanha

FESTAS EM MADRID

Santo Iádro e coroação

de D. Afonso XIII

Concur-o hippico—Touradas—Corridas de cavallos—Concurso de carragens—Feira—Exposições—Batalha de flores, etc.

Bilhetes de Lisboa Rocio, Entro-camento, Coimbra, Coimbra B, Porto Campanha a Madrid e volta.

PREÇOS

1.ª classe 165 60 réis—2.ª classe 140 60 réis—3.ª classe 85 60 réis (incluidos os impostos para o estado portuguez e hespanhol)

Ida 6 a 18 de Maio—Vozta 13 a 31 de Maio (pelos comboios ordinarios)

Prazo de validade d'estes bilhetes: 15 dias contados do dia da venda

E' concedido a cada passageiro o transporte gratuito de 12 kilogrammas de bagagem registada.

Callista
pedicuro



JERONYMO FERNANDES

R. SERPA PINTO, 40, 1.º

(Frente para o Chiodo)

EXTRACÇÃO de callos e desencovamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite e consulte para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

O homem esverdeado!

ou a Porta Misteriosa do segredo dos Thesouros dos subterraneos do Castello Maldito

Grande romance historico

(Tradução da letra miudinha do notavel escriptor M. Gustavo)

PRIMEIRA PARTE

PAMELA, A PERFIDA

OU

«Não, não, o vicio nem sempre é castigado»

CAPITULO IX

Rivaes

(Continuação do numero antecedente)

Era elle, com effeito, o brilhante alferes dos Mosqueteiros Cinzentos que para ellas se dirigia de sorriso nos labios, e as saudava tão respeitosa-mente que a pluma do seu chapéu roçava pelo chão.

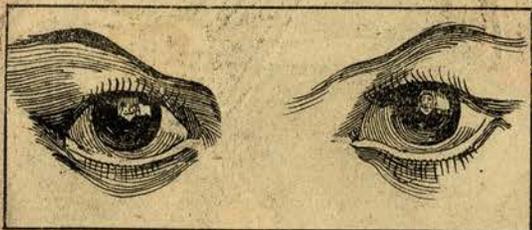
— Bem vos conheço, bellas mães carás. Esbeltas nymphas da Rua de Tournelles! Sou todo vosso. Mas que encanto! Que linha! Que sorriso!

— Ah! moço infiel! não vos conhecia tanta eloquencia, interrompeu do lado uma voz cheia de ironia.

O joven alferes estremeceu e voltou-se, dando de cara com uma marmorea creatura, de grande cabelleira d'ouro falvo, toda imponente e triumphante da sua impecavel plastica.

— Lady Pamela!

— Ella propria, Conde de Boisflotté, que sente muito ter de o arrancar a tão bella companhia, mas que precisa absolutamente falar-lhe. Porque empalidece, meu alferes? Pois que? baixa a cabeça? Seria acaso capaz de dizer que não, a uma mulher que o Sr. arrou... a uma mulher que o ama ainda?



Pallido, indeciso, atrapalhado, o infeliz Arthur tardava em responder, mas a perfida dama dardejou sobre elle uma scintella dos seus soberbos olhos, que pareciam duas cavernas de phosphoro em que a sua propria imagem se reflectia, e olhar foi elle e um tal sorriso da magica creatura, que o joven conde sentiu-se vencido e voltando-se para as duas meninas da Rua de Tournelles, disse-lhes:

— Desculpai-me, Senhoras minhas, mas dentro em pouco eu serei com-vosco.

E para Lady Pamela:

— Eis o meu braço, Milady. si-gu-vos!...

CAPITULO X

O rapto

Vendo-se sós, as bellas meninas da-Rua de Tournelles não sabiam o que haviam de pensar de tão extranho episodio. Deviam chorar ou rir? Terrivel dilemma.

Em todo o caso diziam ellas, vimol-o. Elle fallou-nos, sorrir-nos e agora já sabemos o seu nome. Boisflotté! que bonito nome! Boisflotté! E este nome assim murmurado por aquelles lindos labios tinha uma suavidade musical. Mas, pobres innocentes, n'aquelle seu doce enleio, não tinham sequer reparado, que junto d'ellas surgira um homem de bronze que observou deftamente com aquelle olhar incisivo, proprio dos indios e que assim monologava, numa lingua desconhecida:

— Hugh... uma morena, outra loira... pela vigessima oitava incarnação de Vichou... Madapolam é um grande fakir... Vou prevenir o patrão... Cumprir-se-ha o destino...

Desappareceu alguns instantes para depois reaparecer com um escossez, que não era outro senão o nosso conhecido Melchior.

As pobres raparigas estavam ainda no mesmo lugar, mergulhadas de cabeça na mais profunda meditação, e repetindo inconscientemente esta simples palavra:

— Boisflotté! Boisflotté! quando o escossez, batendo-lhes nos hombros nus, as veio accordar e tirar d'aquella prostração.

— Minhas meninas! disse elle, muito simplesmente — um cavalheiro, cujo nome é inutil dizer-vos, vos fixa um rendez-vous, aqui perto, no jardim real, no pequeno bosque d'Armida. Para evitar confusões, eu estou encarregado de as guiar até junto d'elle.

As boas meninas (oh! loucuras!) tendo lançado pela cabeça as suas mantilhas, seguiram o guia sem hesitação na esperança de tornar a ver o elegante Arthur de Boisflotté. Atravessaram os ultimos salões e penetraram no parque, onde, ao luar, os pares dansantes flitavam e se perdiam nos mysteriosos meandros das alamedas. Pouco a pouco os jardins foram ficando desertos e as duas amigas começaram a sentir-se invadidas por uma terrivel e surda angustia.

O escossez ia andando, nunca mais parava.



(Continua.)

KIRCHHOFFER



Mais um illustre mestre d'armas que visita Portugal. Atirador de torneio, rival de Pini, vigoroso riposteur, Kirchhoffer tem hoje um grande nome entre os Artistas do florete. A sua partida, a Parodia corteja o num reverente salut ao mestre!

THEATRO DE S. BENTO



Apotheose final.